

Eleições dos EUA e os impactos com o vencedor

Trump e Kamala disputam presidência americana nesta terça

Por Gabriela Gallo

Após meses intensos de campanha, nesta terça-feira (5) acontece as eleições para presidente dos Estados Unidos da América (EUA). O possível resultado ainda é incerto, já que as pesquisas eleitorais apontam um resultado acirrado entre os candidatos Donald Trump (partido Republicanos) e Kamala Harris (partido Democrata). Como a disputa está polarizada em diversos estados norte-americanos, a expectativa é que o resultado com o nome do vencedor só seja divulgado a partir de quarta-feira (6).

Ao Correio da Manhã, o cientista político Igor Lucena, destacou que é difícil afirmar ou prever um candidato vencedor, considerando as pesquisas eleitorais. Todavia, ele pontuou que há pontos além das pesquisas eleitorais que precisam ser levados em consideração e, considerando-os, do candidato republicano pode apresentar uma leve vantagem.

“Nunca na história dos Estados Unidos um presidente com menos de 35% de aprovação fez sua sucessor, esse é um ponto importante”, destacou. Ao final de seu mandato como então presidente dos Estados Unidos, em 2021, Trump tinha apenas 34% de aprovação – o menor resultados desde que assumiu a presidência em 2017.

“Junto com esses fatores, há outros detalhes como: o enfraquecimento da economia nacional; o fato do Partido Republicano ter ganhado nos últimos dois anos 150 mil eleitores, enquanto o [partido] Democrata perdeu três milhões [de eleitores]. Então se juntar esses fatores, há uma virada de que Trump pode ter voto escondido. [...] Donald Trump



Alan Santos/PR

Vitória de Trump pode gerar impactos econômicos e internacionais ao Brasil

pode ser o ‘voto envergonhado’. O Trump é favorito? Não dá pra dizer, mas esses dados dão pra ele algum tipo de margem que pode explicar uma possível vitória sua”, completou o cientista político.

Impactos

Questionado pela reportagem, Igor Lucena, que também é economista, destacou que independente de quem ganhar a corrida presidencial, ambos os candidatos têm visões mais protecionistas e o novo presidente dos EUA deve priorizar uma valorização do dólar e aplicar maiores tarifas ao Brasil.

Porém, uma vitória para Trump terá maiores impactos econômicos, já que ele confirmou que aumentará as tarifas em produtos estrangeiros. Os Estados Unidos é o segundo principal parceiro comercial do Brasil, ficando atrás apenas da China. Com isso, o aumento dessas tarifas desencadeará um impacto no fluxo de importação e exportação entre os países.

No campo diplomático,

caso Kamala Harris seja eleita, as relações diplomáticas entre os dois países tende a permanecer do “mais do mesmo”. Já uma suposta reeleição de Donald Trump pode resultar em grande mudanças entre as nações. Além da falta de acordos, Lucena avalia que uma vitória de Trump pode trazer mudanças para o rumo das Big Techs no Brasil. Ele lembrou que o bilionário dono da rede social “X” (antigo twitter), Elon Musk, que já teve problemas com o Supremo Tribunal Federal (STF) brasileiro, é um forte apoiador do candidato que “nitidamente será um secretário de Trump” em seu governo.

“O poder de um secretário de estado americano é muito maior que qualquer ministro ou tribunal do Brasil. Então isso pode mudar radicalmente o que vai acontecer do ponto de vista das decisões de Big Techs aqui no Brasil”, pontuou.

Diferenças

Há uma série de diferenças entre o processo eleitoral no

Brasil e nos Estados Unidos. Enquanto no Brasil o voto é obrigatório, direto e realizado em urnas eletrônicas, a maioria dos votos norte-americanos são impressos (no geral depositados em correio), não são obrigatórios e nem diretos.

Mas o principal ponto destacado pelo analista político é que no processo eleitoral americano os estados são soberanos e “não existe um sistema de tribunal eleitoral unificado”. “Cada estado faz a análise de seus votos, do seu modelo – que pode ser híbrido, papel e cédula –, apresenta esses resultados e depois todos eles são levados ao Congresso para ratificarem o que os estados decidiram pelo colégio eleitoral. Quem decide não é o voto popular. O colégio eleitoral foi criado para dar voz aos estados pouco populosos. A mídia junta os resultados dos estados, a partir daí quando fazem a contagem do colégio eleitoral, o Congresso ratifica esses votos e a pessoa se torna presidente americano”, explicou Lucena.

Haddad: Plano de corte de gastos deve sair nesta semana

Por Karoline Cavalcante

O ministro da Fazenda, Fernando Haddad, disse na manhã desta segunda-feira (4) que o governo deve anunciar as medidas para o corte de gastos públicos ainda nesta semana. De acordo com ele, a pasta econômica possui diversas definições “muito adiantadas”. A declaração foi feita à imprensa na portaria do ministério.

“Em relação a Fazenda tem várias definições que estão muito adiantadas, o presidente [Lula] passou o final de semana trabalhando o assunto, pediu que técnicos viessem a Brasília para apresentar detalhes para ele. Eu penso que nós estamos na reta final”, informou.

No período da tarde, Haddad reuniu-se com o presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva (PT) no Palácio do Planalto. Em nota, o Ministério da Fazenda disse que o quadro fiscal do país foi “apresentado e compreendido” e que haverá uma nova reunião sobre o tema na terça-feira (5).

“O Ministério da Fazenda informa que na reunião desta segunda-feira (4), o quadro fiscal do País foi apresentado e compreendido, assim como as propostas em discussão. Nesta terça (5), outros ministérios serão chamados pela Casa Civil para que também possam opinar e contribuir no âmbito das



Marcelo Camargo/Agência Brasil

Nova reunião marcada para terça (5)

mesmas informações”, afirmou.

Também participaram do encontro o ministro da Casa Civil, Rui Costa; a ministra do Planejamento, Simone Tebet; e a ministra da Gestão e da Inovação, Esther Dweck.

Mercado reage

Haddad cancelou a viagem que faria à Europa nesta segunda-feira (4) a pedido do chefe do Executivo. Ele passaria por Paris (França), Londres (Reino Unido), Berlim (Alemanha) e Bruxelas (Bélgica), lá se reuniria com autoridades e conversaria com investidores. A solicitação surge após o dólar ter subido R\$ 0,09 na última sexta-feira (1º), alcançando o maior patamar desde maio de 2020, elevação que representa a infidelidade do mercado com a de-

mora do anúncio das medidas.

“A pedido do presidente Lula, o ministro da Fazenda, Fernando Haddad, estará em Brasília ao longo da próxima semana, dedicado aos temas domésticos. Por essa razão, a viagem à Europa, prevista para segunda-feira (4), não será realizada neste momento. A agenda em questão será retomada oportunamente”, disse a nota, divulgada no domingo (3) por sua assessoria.

Segundo o ministro, a ida ao continente europeu dependeria da previsão em que seriam realizados os anúncios. “Minha ida estava dependendo dessa definição, se essa semana ou semana que vem seriam feitos os anúncios. Como as coisas estão muito adiantadas do ponto de vista técnico eu acredito que nós estejamos prontos esta

semana para fazer o anúncio. Penso que nós estamos na reta final”, explicou.

Pacote de medidas

O ministro não antecipou detalhes do pacote. Porém, de acordo com informações da Folha de S. Paulo, ele incluiu um limite global para as despesas obrigatórias; um aumento de 30% para 60% da parcela dos recursos do Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação (Fundeb); a desobrigação a execução dos recursos do Fundo Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FNDCT); mudanças no seguro-desemprego, no abono salarial e nas regras de acesso ao Benefício de Prestação Continuada (BPC); entre outros.

CORREIO BASTIDORES

POR FERNANDO MOLICA

Lula Marques/Agência Brasil



A ministra é alternativa para chapa de reeleição

Situação e oposição, MDB quer ser vice de Lula

Um dos grandes vencedores da eleição municipal, o MDB procura esconder o jogo para 2026. A vitória de Ricardo Nunes em São Paulo reforçou um certo viés oposicionista — moderado, como é de praxe por lá.

Mas gente do próprio partido admite que seria muito difícil resistir a uma oferta para que um de seus filiados ocupasse a posição de candidato a

vice na chapa presidencial que deverá ser encaixada por Lula.

Os nomes mais fortes seriam o de Simone Tebet, ministra do Planejamento, e o de Helder Barbalho, governador do Pará.

Em 2022, derrotada na disputa pelo Planalto, Simone teve um papel importante ao declarar apoio a Lula. Barbalho saiu muito forte da eleição de outubro.

Efeito Temer

No PT, há os que temem a entrega da vice para o MDB, o exemplo de Michel Temer é lembrado com frequência — vice de Dilma Rousseff, atuou para derrubá-la e herdar sua cadeira. Mas Lula tende a seguir o conselho das urnas, e mirar numa chapa mais ao centro.

Destino

Ao atual vice-presidente, Geraldo Alckmin (PSB), caberia disputar o governo paulista ou uma das duas vagas ao Senado. Ele não deverá entrar na briga para tentar voltar ao Palácio dos Bandeirantes caso Tarcísio de Freitas (Repulicanos) decida buscar a reeleição.

Valter Campanato/Agência Brasil



Líder do União ganhou relatoria e o comando da CCIJ

Elmar aceita prêmios de consolação e reata com Lira

Em Brasília, não há mágoa que resista a uma boa conversa, a um bom acordo. O presidente da Câmara, Arthur Lira (PP-AL), e o líder do União Brasil, Elmar Nascimento (BA), já não estão mais de mal.

Nascimento vinha culpando Lira por ter sido preterido para sucedê-lo no comando da Câmara, chegou a dizer publica-

mente que tinha perdido seu melhor amigo.

Poder perdido é compensado com outros poderes. Nascimento virou relator do projeto que tenta adequar as emendas parlamentares às exigências do Supremo Tribunal Federal. E, em 2025, presidirá a Comissão de Constituição de Justiça, a mais importante da Casa.

Empurrão

O empurrão para o MDB aderir à candidatura de Hugo Motta (Republicanos-PB) à presidência da Câmara foi dado por Lula. O presidente deu o recado numa conversa, há duas semanas, com o líder do partido, Isnaldo Bulhões (AL), que também queria a cadeira de Lira.

Amigo de fé

Não por acaso o deputado Rubens Pereira Júnior (PT-MA) foi escolhido para apresentar o projeto que regulamenta as emendas parlamentares. Ele ocupou duas secretarias no governo de Flávio Dino no Maranhão. O hoje ministro do STF é que deu um tranco nas tais emendas.

Sem santinhos

Em Nova York para acompanhar a eleição norte-americana, o senador Carlos Portinho (PL-RJ) estranha a falta de sinais exteriores de disputa. Diz que o voto antecipado diluiu o calor do processo: “Não tem propaganda, papel, santinho, carro de som, nada...”.

Evandro

Morto ontem, aos 88 anos, o fotógrafo Evandro Teixeira mais do que testemunhou a história. Conseguiu, com suas imagens, interpretar os fatos, dar a beleza e a dramaticidade de cada cena. Revelou a ditadura brasileira, o golpe no Chile, nos mostrou o que ficou de Canudos.